

# Contribuições: “Me inclui fora dessa”

Cristiana Pittella de Mattos

Primeiras elaborações

a-Notado: “Me inclui fora dessa”

O que me encanta na expressão – “Me inclui fora dessa”- anotada e proposta pelo CIEN<sup>1</sup>, é que ela, vinda da boca dos adolescentes, revela um desejo fundamental do ser falante.



Yuri Firmeza

A primeira dimensão desse desejo revela-se no apelo ao Outro: “*me inclui*”.

Procura-se, com esse apelo, um lugar no Outro; diferente do que encontramos comumente em algumas práticas ou sintomas dos adolescentes, em que o sujeito visa uma recusa ou mesmo uma ruptura com o Outro.

Embora haja um apelo ao Outro, esse apelo não é o de ser fixado, aprisionado por significações do Outro, pois a segunda dimensão desejante na expressão anotada, é aquela de uma separação: “*fora dessa*”.

Não se trata de ficar fora do campo do Outro: “*Exclua-me*”

*dessa*”, mas de estar nele – fazer parte –, com algo fora dele: com algo singular.

Como estar nele e fora dele?

Essa fórmula – “*me inclui fora dessa*” –, revela, portanto, um desejo de inserção colocando em jogo as duas dimensões da constituição do sujeito, a alienação e a separação.

Miller, em seu texto *Sobre o desejo de inserção*, delimita dois tipos de inserção do sujeito:

- a primeira como identificação, quer dizer, o sujeito se representa pelo S1. É o que Lacan chamou de Alienação, uma identificação rígida, fixa, que seria como morrer, no sentido hegeliano de que a “palavra mata a coisa”.
- Por outro lado, há um segundo tipo, que Lacan denominou Separação, em que há uma nova vida quando vem um S2 – o saber, que faz renascer o sujeito. Nesta operação se desprende do corpo um resto de gozo, cuja produção é o objeto (a). (MILLER, 2008)

A produção desse resto na operação de separação instaura uma topologia em que podemos conceber uma exclusão interna: ao se constituir como sujeito, esse está diante de uma escolha forçada: perde-se a possibilidade de se ter todo o sentido e todo o ser.

Podemos pensar que “*me inclui fora dessa*” nos direciona justamente para este ponto de exclusão interna.

Em *Matemas II*, Miller demonstra essa exclusão interna com o paradoxo de Russel como matriz da relação do sujeito com a cadeia significante (MILLER, 1988, p. 45).

Para tanto, Miller utiliza a história do barbeiro que barbeia todos aqueles que não barbeiam a si mesmos. Como se barbeia o barbeiro? (MILLER, 1988, p. 35)

- Se ele é o barbeiro que se barbeia a si mesmo, ele não é

o barbeiro que barbeia todos aqueles que não se barbeiam: se ele é, não é.

- Se ele não é o barbeiro que barbeia a si mesmo, ele é o barbeiro que barbeia todos aqueles que não se barbeiam a si mesmo: se ele não é, ele é.

Essa expressão paradoxal que analisamos também foi, curiosamente, bastante utilizada há tempos – no entanto, com a correta colocação pronominal: “*Inclua-me fora disso*” –, pelo comediante estadunidense Groucho Marx (1890/1977) o mais criativo dos irmãos Marx.

- “eu nunca faria parte de um clube que me aceitasse como sócio”;
- “Vamos descobrir um tesouro naquela casa? – Mas não há nenhuma casa... – Então vamos construí-la!”;
- “Eu não posso dizer que não discordo com você”...

Verificamos como há uma “ambiguidade irresolúvel que está no fundo de toda piada”, nos diz Freud, e como “o humor não é resignado, mas rebelde” (FREUD, 1927) colocando em jogo um descentramento do eu, mas, também dos ideais reguladores da vida social.

Evocamos Groucho Marx e sua capacidade criativa pois nos perguntamos se nessa expressão “*me inclui fora dessa*” –, se presentifica uma dimensão espirituosa, dimensão do humor e com ele, o trabalho de desidealização do objeto e da sublimação, possibilitando uma certa socialização do gozo e integração ao laço social. (MILLER, 2009)

---

## **Bibliografia**

**MILLER, J.A. Sobre el deseo de inserción, y otros temas – *Forumpsy ENTREVISTAS DE ACTUALIDAD*, número especial *Intervenciones en Barcelona*, 7 nov. 2008 (internet).**

MILLER, J.A. Matemáticas I, Manantial, 1988.

MILLER, J.A. A salvação pelos dejetos. *Correio 67*, EBP.

---

<sup>1</sup> Essa expressão, já anotada por Celio Garcia em seus encontros com os adolescentes, está por ele trabalhada no texto: Uma política da palavra para os corpos – publicado no CIEN Digital 10, jun. 2011.